

CRISTIANISMO E VIOLÊNCIA

Extraímos para nossa reflexão um pequeno trecho da narrativa da prisão de Jesus Cristo, algumas horas antes de sua morte na Cruz. (Mateus 26, 51-53):

“E eis que um dos que estavam com Jesus, estendendo a mão, sacou da espada e, golpeando o servo do sumo sacerdote, cortou-lhe a orelha. Então, Jesus lhe disse: Embainha a tua espada; pois todos os que lançam mão da espada à espada perecerão. Acaso, pensas que não posso rogar a meu Pai, e ele me mandaria neste momento mais de doze legiões de anjos?”

O mesmo episódio narrado pelo evangelista João no capítulo 18 explicita que foi Pedro, o discípulo mais próximo de Jesus, que sacou a espada e com ela feriu um dos servos enviados para prender seu Mestre. A narrativa do mesmo fato, escrita desta vez por Lucas (capítulo 22), nos revela que no instante seguinte Jesus tocou no servo que foi agredido e o curou.

O breve trecho do Evangelho tem muito a nos ensinar a todos, especialmente e sobretudo a quem professa a fé em Jesus, a quem diz seguir o Cristo, e que, portanto, carrega o nome de “cristão”.

Um primeiro ensinamento que podemos tirar desta narrativa é que Jesus não praticou exclusões ou agressões e que desaprova a violência. Ele evidencia essa desaprovação ao contrapor-se claramente à lógica do grupo que o prende (injustamente), que veio fortemente armado com espadas e pedaços de madeira, algo desnecessário já que Jesus pregava diariamente nas praças públicas e no templo.

Essa reprovação da agressividade gratuita adquire um matiz ainda mais forte quando Jesus desautoriza a ação de Pedro, que movido por ímpeto de zelo na defesa de seu Mestre, decepa a orelha do servo com um golpe de espada. Golpe este que poderia ter sido fatal não fosse o capacete que protegeu a cabeça e no qual a arma esbarrou, cortando “apenas” a orelha.

Jesus é taxativo, e não deixa dúvidas: Ele não pratica violência, nem quer que discípulo seu a pratique: **“guarda tua espada”**, “Eu vim para que todos tenham vida...”

Jesus parece estar nos dizendo que o “bom e o justo” não podem ser defendidos com a “força”, o que, aliás, é mesmo contraditório. Assim, Jesus aponta gentilmente para a noção de que o Bem e a Justiça possuem força intrínseca. E, além de desautorizar, adverte: *“Guarda a tua espada; pois todos os que lançam mão da espada à espada perecerão.”*

Sim, a agressão inevitavelmente se volta contra o agressor, porque violência gera violência, cria desejo de revanche, alimenta a vingança, gera dor, causa e reabre feridas. Justamente o exato oposto das bem-aventuranças, o contrário dos preceitos que têm por finalidade trazer união, concórdia, conciliação e paz entre as pessoas.

A advertência de Jesus tem um alcance ainda muito maior do que parece. Jesus está nos alertando que antes mesmo do agressor desembainhar a espada, ele já está sendo vítima do próprio ressentimento, vítima do desejo de destruição do outro que nutre dentro de si, refém da própria falta de humanidade.

Outro desdobramento da passagem tem relação com a fé em Jesus e o poder de Deus: *“Acaso, pensas que não posso rogar a meu Pai, e ele me mandaria neste momento mais de doze legiões de anjos?”*

Jesus está, também aqui, revelando para seus discípulos que Ele é Deus, e que portanto tem poder de resolver aquela situação de violência e injustiça de infinitas maneiras. E mesmo supondo que a única solução fosse uma batalha armada, poderia invocar legiões de anjos para defendê-lo. Deixa, no entanto, evidente que Deus não responde com a mesma moeda: as legiões de anjos não vieram.

A fé cristã em Deus é uma fé em um Deus que tudo pode, mas antes é fé em um poder que reside em seu infinito Amor, que supera todo desamor. No fundo, o “lançar mão da espada” revela a falta de conhecimento que o discípulo tem a respeito de Jesus, apesar de ter ficado tanto tempo com Ele, vendo seu agir, ouvindo sua pregação e participando de sua vida tão proximamente. Faz entrever também a falta de fé na Divindade de Jesus, pois se Pedro acreditasse que Jesus estava no controle daquela situação, por mais trágica que parecesse; se acreditasse no poder do Senhor que a tantos curou, tantos prodígios realizou e até mortos ressuscitou; se confiasse que Jesus sabia o que estava fazendo ao não resistir à prisão; se cresse que Jesus sempre tinha a melhor solução, também no aparente fracasso, e que, como Deus, poderia tirar um bem maior de tudo aquilo, Pedro jamais teria ousado se precipitar à sua revelia.

A tentação de resolver um desafio com as próprias mãos é algo muito humano. Jesus ensina, contudo, que os cristãos, os seus discípulos, não devem tentar resolver os problemas como se Deus não existisse. A atitude do discípulo que “lança mão da espada” mostra um certo desespero de alguém que se vê sozinho e se sente o único responsável, o único capaz de resolver, prescindindo da presença, do poder e da capacidade da Providência Divina, que age o tempo inteiro - de modo, na maioria das vezes, silencioso, discreto, - mudando os rumos dos acontecimentos, contrariando nossa desconfiança, nossa impaciência, nossa falta de fé em seu bondoso desígnio.

A atitude do discípulo que fere pela arma revela ademais uma visão muito equivocada de Deus, presente no Antigo Testamento, visão que Jesus lutou muito por purificar e superar.

No antigo Israel, Deus era visto muitas vezes de modo análogo a um "chefe militar" que guerreava ao lado ou a frente do exército de Israel, odiando e desejando a morte dos inimigos do "povo eleito". Jesus durante toda sua vida mostra justamente que Ele *“não quer a morte do pecador, mas que se converta e viva”*, mostra que Deus é seu Pai, que também é nosso Pai (*Pai Nosso que*

estais nos céus...), Pai de todos, e que somos todos irmãos. Portanto nada justifica qualquer agressão contra o meu próximo, que também é meu irmão, igualmente amado por Deus, ainda que não pense igual a mim, ainda que viva no erro (de acordo com minha limitada percepção).

A tentação de imitarmos Pedro permanece nos dias de hoje. Algumas vezes ela vem disfarçada de zelo, de um falso intento, porque parte de alguns que se colocam no lugar de Deus como juízes, sentindo-se no direito de determinar quem é "cidadão de bem" e quem não é, quem é "de Deus" e quem não é. Assim se acaba por instrumentalizar e perverter a Religião para classificar grupos inteiros como "inimigos", criando um embasamento teológico (mas não cristão) perigoso, para disseminar intolerâncias, praticar a injustiça, e tristemente, em alguns casos, até para eliminar aqueles que passam a ser vistos como incômodos.

Voltemos à narrativa. Movido pela compaixão, Jesus imediatamente tocou o servo que teve a orelha cortada e o curou. Com isso mostrou como Ele sempre foi e sempre agiu, buscando o bem de todos, particularmente daqueles que mais sofrem. É interessante notar que Jesus realiza um ato de suma bondade no meio de duas agressões: de um lado a agressão dos mandantes e executores de sua prisão; do outro lado, a investida armada do discípulo.

Ele opta por um ato de cura instantânea, próprio da ação divina, para nos mostrar também que a misericórdia divina é superior aos equívocos humanos. Ao mesmo tempo em que nos fornece lição para que não reste dúvida alguma sobre seu exemplo: vence-se o mal com o bem.

Ivanor Alberti
61-991789959